

COMPARTILHANDO TEORIAS E PRÁTICAS AVANÇADAS NO ATENDIMENTO A FAMÍLIAS E COMUNIDADES

Neste número a revista Nova Perspectiva Sistêmica celebra 30 anos de existência. Criada por Gladis Brun, fundadora e diretora do Instituto de Terapia de Família do Rio (ITFRJ), tendo como editoras a própria Gladis e Rosana Rapizo, professora do mesmo instituto. Em 1994, Carlos Zuma, recém-formado e colaborando com a revista desde quando era aluno, em sua seção de humor, junto com mais três colegas, passa a ser o produtor.

Para contar essa história pedimos um relato às editoras Gladis e Rosana e ao produtor Carlos. Gladis está fora do Brasil; Rosana e Carlos gentilmente enviaram os relatos abaixo, cheios de informações e emoções, os quais agradecemos emocionados por também ser parte dessa história. Na sequência, nós, Adriano Beiras e Helena M. Cruz, como atuais editores, também demos nossos relatos sobre nossa história com a revista.

RELATO DE ROSANA RAPIZO

Em 1991 nascia NPS, fruto de um sonho, um desejo de espalhar uma visão do mundo que nos encantava. Lembro da festa de lançamento, da emoção de ver o primeiro número, do entusiasmo, da vontade genuína de criar um canal para a divulgação da terapia de família sistêmica em português. Naquele momento a terapia de família no Brasil, dava passos importantes, iniciava-se mais organizadamente como um campo de práticas e de saber. Cresciam o nosso Instituto de Terapia de Família do Rio de Janeiro e outros institutos pelo Brasil. Nós nos sentíamos pioneiras, uma instituição capitaneada por mulheres, e que criava um veículo único no país. Eu estava lá, diretora assistente, na primeira edição. No número 1, eu e Gladis, editora, começávamos assim: “[c]om este primeiro número da *Nova Perspectiva Sistêmica* pensamos abrir um espaço para todos aqueles que, de uma forma ou de outra, buscam informações que enriqueçam sua leitura no vasto campo que, a partir da profunda ruptura epistemológica, representou o paradigma sistêmico”.

Durante 8 (oito) números fui assistente e depois, até o no. 34 assumi a edição da revista. Sempre com uma pequena, mas aguerrida equipe, aprendemos muito a cada edição. Captando artigos, fazendo redes, distribuindo, fazendo editoriais, buscando a sustentação da revista em todos os âmbitos e, finalmente, criando um evento que faz história. Muitas pessoas sustentavam este sonho. Muitos autores, colaboradores, participantes entusiasmados da equipe mantiveram NPS viva. Gostaria de contar a história de cada um, mas seria mais um livro do que alguns parágrafos. Ela resistiu a nosso amadorismo bem-intencionado e cresceu, floresceu e criou um lugar. Criamos história. A parceria com o Instituto Noos, se deu desde o início, na produção,

**HELENA
MAFFEI CRUZ¹**

ADRIANO BEIRAS²

¹ Instituto Noos,
São Paulo/SP, Brasil

² Universidade Federal
de Santa Catarina,
Florianópolis, SC, Brasil

em parceria com o Instituto Famíliae, visibilizou uma colaboração que já existia e trouxe novos ventos e enorme crescimento à revista. No editorial do número 26 eu disse: “[s]elamos com esta parceria um desejo de transformarmos o afeto e a admiração, seguramente mútuos e de longa data, em um produto que possa refletir e promover uma linguagem comum, fruto de nossa colaboração”. NPS acompanhava também nessa época o crescimento no campo da terapia de família e da visão sistêmicas dos aportes do Construcionismo Social e das práticas colaborativas e dialógicas.

NPS foi além. No número 34, meu último como editora, contávamos a história de um evento que, produzido até hoje pela equipe da revista, foi um marco do Construcionismo Social no Brasil e mais uma transformação para a Revista. *Construcionando: os caminhos do Construcionismo Social no Brasil*, foi um momento marcante e definidor da trajetória de NPS. Desde então o evento já teve seis edições.

Com tantas transformações, inclusive nas instituições onde estava abrigada, NPS se renova; com cada nova edição, se profissionaliza, recebe autores novos, se insere no campo das revistas indexadas, vai para o mundo de maneira firme e madura. Mas mantém sua singularidade, seu posicionamento claro em um campo longe de ser hegemônico dentro das Ciências Humanas e Sociais. Segura em seus 30 anos de vida.

Tenho um orgulho imenso de fazer parte desta história e desta trajetória, mas, mais ainda, tenho de acompanhar os passos que foram e continuam sendo dados para a permanência da revista e as conquistas que a atual equipe tem realizado na competente batuta de Adriano e Helena. Tenho muito a agradecer o convite para este pequeno texto que me deu a oportunidade de contar um pedacinho dessa história feita a muitas e muitas mãos, suor, amor e diversão também. Tenho muita alegria de fazer parte deste momento de celebração e de poder continuar tendo orgulho de NPS.

Que viva muitos e muitos anos nos ensinando!

RELATO DE CARLOS ZUMA

Sobre a passagem da produção da revista para o Noos.

O Instituto Noos passou a ser o responsável pela produção da revista *Nova Perspectiva Sistêmica* a partir do seu número 5, que saiu em junho de 1994, sendo o primeiro projeto da instituição e a razão de termos agilizado a formalização de sua fundação.

No entanto, os quatro fundadores do Noos já estavam envolvidos com a revista NPS desde seu número 1. Informalmente autodenominados *Grupo Gaia*, Helena Júlia Monte, André Rego, Jorge Bergallo e eu, fomos convidados, como alunos da primeira turma de formação do ITF-RJ, a nos responsabilizarmos pela seção de humor da revista. Revendo agora aquelas seções, estou certo de que não passaríamos por um crivo crítico mais atualizado e acredito que a revista tenha lucrado mais em nos ter como produtores!

Sermos responsáveis pela produção da revista — para quem não sabe o que fazia naquela época —, implicava em receber os artigos captados e selecionados pelas editoras, enviá-los para um copidesque, adaptá-los às normas de publicação, mandar todos, assim como as seções, para diagramar, fazer os fotolitos, mandar para a gráfica, rodar uma prova, corrigir a prova, escolher a cor da capa e, finalmente imprimir. Envolveria também a divulgação da revista, a captação e gestão das assinaturas, a distribuição para os pontos de venda, o controle financeiro e carregar muito, muito peso, levando as revistas para vender em congressos e simpósios!

Os pontos de venda, na maioria instituições de formação de terapeutas de famílias espalhados por todo Brasil, nos ajudavam vendendo as revistas e captando assinaturas, e foram fundamentais para a manutenção da revista durante algum tempo.

Importante lembrar da primeira produtora e viabilizadora da revista, que foi a psicóloga e terapeuta de família, Lia Baptista Carvalho, Coordenadora de Produção até seu número 4. Convidado por Lia e Gladis Brun, assumi a Produção Executiva da revista desde seu número 3, publicado em janeiro de 1993, função que ocupei, depois como representante do Instituto Noos, até a edição 57, de abril de 2017.

A partir da revista número 26, de novembro de 2006, o Instituto Noos, juntamente com o Instituto Familiaie, passou a compor com o ITF-RJ o corpo de instituições responsáveis pela revista, além de se manter responsável por sua produção.

Uma outra ideia, surgida na intenção de auxiliar na manutenção financeira da revista e que vem ganhando personalidade própria a cada edição, é o evento *Construcionando: caminhos do Construcionismo Social no Brasil*, o primeiro realizado em 2008. Assim como a revista, vem contribuindo também para a disseminação das ideias do paradigma sistêmico e do Construcionismo Social no Brasil.

Todo projeto, sonho, ideal precisa ser viabilizado para tornar-se real. E esse é o papel da produção, viabilizar a materialização de sonhos. Ainda mais de sonhos que se compartilham. De uma forma ou de outra, essa tem sido a vocação do Instituto Noos, do qual tenho muito orgulho de ter sido seu cofundador, colocar em prática projetos, metodologias, teorias, que contribuam para a transformação pessoal, relacional e social.

RELATO DE HELENA M. CRUZ

Conheci a *Nova Perspectiva Sistêmica* quando ela nasceu – dezembro de 1991, acabando o lançamento no Rio, houve um *workshop* em São Paulo, e lá estava Gladis fazendo o que Carlos apontou: carregando quilos de NPS para vender aos participantes. Nesse mesmo fim de semana, o Familiaie lançava a revista em São Paulo e se tornava um ponto de venda. Mantivemos sempre esse contato e no ano de 2006 o Familiaie foi convidado, assim como o Instituto Noos, para sermos parceiros editoriais, e no Familiaie a responsável fui eu.

A revista 26, de novembro de 2006, foi a primeira da nova fase com o compromisso de publicar 3 números por ano, em um novo formato e buscando ser indexada. Captei artigos, ajudei na revisão e quando a revista saiu levei um susto: meu nome aparecia como coordenadora da comissão editorial (acho que devo ter sido convidada, mas não lembro).

Fui coordenadora de edição até 2011. Nesse período Leonora Corsini foi editora associada em alguns números, assim como Marilene Grandesso. Em abril de 2012, no número 42, Adriano Beiras que já era editor associado passou a coordenador de edição e eu a editora associada. E assim permanecemos até hoje, dez anos passados e 29 números publicados.

RELATO ADRIANO BEIRAS

Tornei-me mais próximo da NPS quando fui morar no Rio de Janeiro por um tempo, em 2008, e comecei a participar do Instituto Noos-RJ. Já conhecia alguns artigos dos anos anteriores, a partir de meus estudos de formação em terapia familiar e de casais em Florianópolis. Ao trabalhar no Instituto Noos, como psicólogo terapeuta de família e como pesquisador, recebi o convite de Carlos Zuma para incorporar-me de alguma forma na NPS. Comecei, naquela época, publicando um artigo. Posteriormente, com o avanço da minha carreira acadêmica, passei a incorporar a revista como editor associado.

Em 2012, recebi o convite para coordenar a edição e iniciei esse desafio de grande aprendizado. Entre minhas metas estavam: trazer a revista para o formato digital, equilibrar o vínculo acadêmico e profissional da revista e incorporar novas indexações. Em todos esses anos a revista mudou muito, conectou-se a mais bases de dados, passou a estar também *on-line*, melhorou nos índices acadêmicos da CAPES (Qualis), passou a ter citações no *Google Citation* e consolidou sua rede de colaboradores/as e de leitores/as. Tornou-se cada vez mais conhecida no meio de formação em terapia familiar e de casais e por pesquisadores destas áreas de pesquisas e de conhecimento, em especial nas práticas sistêmicas contemporâneas, pós-modernas, narrativas e colaborativas, e pelo construcionismo social. Atualmente utilizo muito os artigos da revista na docência prática com terapeutas iniciantes, nos estágios de psicoterapia e nos cursos de formação clínica que ministro. A NPS é, para mim, um grande suporte que me auxilia a transmitir a importância de práticas bem fundamentadas e alinhadas a uma perspectiva clínica coerente, respeitosa, colaborativa e implicada com diversas questões sociais e culturais, respeitando a diferença. A revista tem textos de autores reconhecidos nacional e internacionalmente e pesquisadores acadêmicos com inquietações importantes e relevantes para nossa prática clínica, social e comunitária. É também indispensável e preciosa para terapeutas iniciantes.

Na editoração da NPS aprendo constantemente. Segue o desafio de qualificá-la mais academicamente, ampliar seu alcance e rede, mas sem perder sua origem e seu caráter, focado nas práticas, nos relatos de caso, nas inovações profissionais. Ela segue sendo nossa companheira nas práticas clínicas, nos consultórios e em outras ações de pesquisa, sempre buscando propor práticas bem fundamentadas e coerentes epistemologicamente. A NPS tem esta vocação, ser um ponto de encontro do que há de mais novo e atualizado em sua área, mas também trazer os clássicos, os conceitos base, repaginações de práticas releituras conceituais, conectando pesquisas, academia e o fazer profissional clínico diário. É uma excelente leitura para aprimoramento profissional constante.

Desejamos que a NPS siga se aprimorando, recebendo importantes colaborações e se destacando neste campo, mas para isso, diante das dificuldades editoriais do contexto brasileiro, precisamos seguir nos fortalecendo em redes, trocando nossas experiências e dificuldades. Por isso, pedimos especialmente que continuem assinando a revista impressa para auxiliar em sua manutenção financeira, participando de nossos eventos e colaborando com artigos, assim como citando a revista em suas futuras publicações. Apenas assim ela poderá completar novas décadas pela frente e manter-se viva e revigorada.

HELENA MAFFEI CRUZ

Socióloga e psicóloga, com formação em psicanálise pelo Instituto Sedes Sapientiae e em terapia familiar pelo Instituto de Terapia de Família do Rio de Janeiro. Mestre em psicologia clínica pela PUC-SP, é terapeuta de adultos, crianças, famílias e casais. Foi sócia-fundadora, docente e supervisora do Instituto FAMILIAE (1991-2015) e sócia-fundadora da Associação Paulista de Terapia Familiar – APTF (1993), da qual foi secretária da diretoria (1996-1997) e vice-presidente (2000-2001). Editora associada da revista Nova Perspectiva Sistêmica desde 2006.

<https://orcid/0000-0002-0073-3197>

E-mail: hmcruz@noos.org.br

ADRIANO BEIRAS

Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGP/UFSC). Coordenador do PPGP/UFSC. Doutor Europeu em Psicologia Social pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), Espanha. Psicoterapeuta. Terapeuta de Casais e Famílias (Especialização pelo Familiare Instituto Sistêmico, Florianópolis). Especialista em Psicologia Clínica (Conselho Federal de Psicologia). Editor Coordenador da revista Nova Perspectiva Sistêmica (Noos-SP), desde 2012.

<https://orcid.org/0000-0002-1388-9326>

E-mail: adrianobe@gmail.com